

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fazedores de deserto: crises da democracia, novas direitas no Brasil e bolsonarismo

Ariel Cherxes Batista¹

Mestre em História

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Acherxes@yahoo.com.br

Resumo: A chegada de um ex-militar a presidência da República no Brasil, recebeu a alcunha por alguns pesquisadores de bolsonarismo, ou seja, a retórica e práxis do chefe do Executivo brasileiro, seus aliados e correligionários estão sendo entendidas como um fenômeno que de certa maneira inaugura uma nova era na política brasileira, transformando-se assim, ao fim e ao cabo num ideário, com simpatizantes e seguidores de extrema-direita. Este fenômeno, obtém sucesso em seu projeto excludente ao unir a agenda neoliberal, com as promessas de progresso tecnológico automatizado, junto ao reforço de uma exaltação a restauração de uma lógica tradicionalista e obsoleta que estratifica o tempo presente. Desse modo, o retorno de uma figura que se considera ligada às Forças Armadas ao poder Executivo nacional, representou o triunfo de uma crise política sem precedentes, inaugurada no Brasil a partir das Jornadas de junho de 2013, chegando ao seu auge em 2020, segundo ano de mandato de Jair Messias Bolsonaro, e primeiro ano da pandemia de Covid-19 em todo o planeta. Neste artigo, buscarei analisar elementos relacionados a esta direita agrupada em torno do bolsonarismo, indicando suas especificidades em relação aos ritos da democracia e seu apreço ao autoritarismo. O que está sendo chamado aqui de autoritário, nem sempre é visto assim pela sociedade civil, que em alguns casos, reconhece as medidas tomadas pelos agentes que estão no poder como necessárias. Essas ações são diversas, e geralmente duras, por exemplo, a truculência empreendida por Forças de segurança contra indivíduos “invisíveis” ou periféricos, medidas de austeridade impostas na economia sob o argumento de um possível crescimento financeiro a longo prazo, o fisiologismo como prática política que orienta as decisões tomadas no parlamento, entre outras situações que ocorrem em nossa normalidade democrática, e não são questionadas. Combater o fascismo e/ou movimentos facistóides na atualidade é tarefa necessária e urgente, as práticas antidemocráticas citadas acima endossam isto. Todavia, é preciso entender quem são os “fascistas” do século XXI, como se organizam, e por que estão fortalecidos em um regime considerado democrático.

Palavras-chave: Tempo presente; Bolsonarismo; Extrema direita;

¹ Mestre em História Social das Relações Políticas, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), membro do Laboratório de Estudos em História do Tempo Presente (LABTEMPO - UFES), integrante da gestão da seção Espírito Santo da Anpuh, e professor das redes privada e pública no estado do Espírito Santo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 1901, Euclides da Cunha escreveu um artigo intitulado, Fazedores de deserto, criticando a modernização conservadora paulistana no interior, e os impactos ambientais trazidos a partir disso. A erudição do autor é algo destacável, além da riqueza de detalhes elencados relacionados ao progresso em contraste com a degradação provocada pela ação antrópica. Contudo, destaco o último excerto do texto, em que o jornalista sintetiza a raiz do problema discutido ao longo de sua explanação. Nas palavras do autor:

“Porque o homem, a quem o romântico historiador negou um lugar no meio de tantas grandezas, não as corrige, nem as domina nobremente, nem as encadeia num esforço consciente e sério.

Extingue-as” (CUNHA, 1901).

O uso metafórico do título, Fazedores de deserto, foi escolhido pensando no fato de que a democracia brasileira se tornou um ermo produzido. Em outras palavras, os acontecimentos sociopolíticos dos últimos oito anos indicam isso, pois a realidade institucional vigente no Brasil, mostra que parte da classe política do país, ao invés de desenvolver medidas em prol da *coisa pública*, legislam em benefício próprio. Assim, aquilo que poderia ser um jardim frondoso apresenta-se como um campo árido que até recebe atenção, contudo, de forma indevida.

Desse modo, é necessário entender, o contexto histórico a qual estamos inseridos, os motivos que desencadearam a chamada crise da democracia brasileira, os agentes envolvidos em tal conjuntura, e quais as soluções viáveis para este problema.

Utilizando a confrontação de bibliografias e os conceitos de populismo, e pós-fascismo a luz dos escritos de Timothy Snyder, Enzo Traverso, Federico Finchelstein, e Roger Griffin, buscarei responder as impressões supracitadas sobre o tema, mesmo que de forma provocativa, pois muitos elementos a respeito do assunto em questão ainda serão levantados e debatidos pela historiografia. Destarte, trazendo mais questionamentos, ao mesmo tempo em que nos trará também muitas respostas acerca de nossa contemporaneidade política.

A crise da democracia no Brasil e no mundo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A democracia enquanto sistema político, compreende a um mecanismo dotado de infinitas características, a qual vive de disputas e movimentações. De acordo com Robert Dahl (p. 58, 2001):

[...] o regime democrático possui em sua composição dez consequências desejáveis. Seriam elas: 1. Evita a tirania; 2. Direitos essenciais; 3. Liberdade geral; 4. Autodeterminação; 5. Autonomia moral; 6. Desenvolvimento humano; 7. Proteção dos interesses pessoais essenciais; 8. Igualdade política; 9. A busca pela paz; 10. A prosperidade;

Ou seja, essas dez vantagens que uma normalidade democrática pode chegar a ter em uma determinada sociedade, atualmente encontra-se em escassez ao redor do mundo, pois países que se organizam buscando esta lógica institucional, encontram-se em crise. De acordo com Timothy Snyder (2017), “Como a crise é permanente, a sensação de emergência está sempre presente”.

Esta crise que é global, possui problemas de ordem estrutural, e favorece a ascensão de grupamentos políticos reacionários e extremistas. Os representantes deste segmento ao redor do mundo, estão sendo chamados de Direita Alternativa, em inglês, *Alt-Right*, uma alternativa de direita ao descrédito representativo que os governos liberais-democráticos vivem em todo o planeta desde o *crash* econômico de 2008.

Da ascensão de Donald Trump para a frente, analistas diversos alertam em seus escritos sobre o surgimento desta nova direita, alguns, inclusive a associam ao populismo, ao neofascismo e ao pós-fascismo, conceitos que trabalharei adiante no texto.

Os representantes da *Alt-right* estão espalhados pelo mundo, destaco, Jair Bolsonaro no Brasil, Viktor Orban na Hungria, Rodrigo Duterte nas Filipinas, Donald Trump até janeiro de 2021, nos Estados Unidos, Andrzej Duda na Polônia, Endorgan na Turquia e Putin na Rússia, aqui tratando apenas dos eleitos. Além disso, figura com destaque na França, a líder da Frente Nacional, Marine Le Pen, que antagoniza a disputa política no país com um empresário, o presidente Emanuel Macron.

Por fim existem partidos políticos que de certa maneira podem ser considerados ligados a este grupo, destaco os Republicanos nos EUA, a Pegida (antissemita), na Alemanha, o Aurora Dourada, na Grécia, o Partido da Liberdade austríaco, o Partido Lei e Justiça (PiS) polonês, a Liga Norte italiana, e o espectro bolsonarista no Brasil que não

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

possui partido político definido, mas que ascende ao poder em 2018 pela aliança entre o Partido Social Liberal (PSL), e o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB).

A Alt Right pode ser definida em suas ações ao redor do mundo pela defesa a um nacionalismo racial, a desigualdade de pessoas e raças, a manutenção nos papéis tradicionais de gênero, pela necessidade de hierarquia centrada na figura de um líder, e ao apreço a ritos antidemocráticos.

[...] a *alt-right* se viabilizou eleitoralmente com um forte discurso sobre o setor de segurança e pela mobilização do medo da diferença [...] impulsionando a retórica do combate à criminalidade, a degeneração moral da juventude, a necessidade de controle policial e militarização de regiões pobres das cidades etc., além de sua ligação direta com agentes de segurança no campo policial e militar, com generais, capitães, cabos e soldados se tornando celebridades políticas. [...] A *alt-right*, ao contrário do que muitos estudiosos do assunto afirmam, não é antipolítica, mas a expressão da política democrática contemporânea levada ao seu paroxismo (AUGUSTO, p.3, 2021).

Ou seja, o erro está em presumir que os governantes que chegaram ao poder por meio das instituições não possam mudar ou destruir essas mesmas instituições (SNYDER, 2017, p. 24). É neste aspecto que está presente a peculiaridade da Alt Right.

Como explicitado anteriormente, a análise que será desenvolvida aqui, compreenderá em uma discussão sobre as ações das novas direitas no Brasil, que reunidas em torno de Jair Bolsonaro, intensificaram a crise da democracia no país, de certa maneira compondo o conjunto desta Direita Alternativa mundial.

Os seguidores dos quadros ligados a esta nova vertente política destacam-se pelo uso intenso da tecnologia em suas ações, geralmente expressadas na internet por meio de memes em redes sociais.

A Alt Right, por meio de seus representantes, seguidores e correligionários defende o desenvolvimento de métodos antidemocráticos numa democracia que dominada pela tecnologia, torna-se uma sociedade tecnocrática em pleno século XXI. Representam uma tendência que de forma geral: são movimentos que surgiram e colocaram em dúvida, as direitas, as instituições, e a globalização econômica. Além disso, essa onda é orientada por ideias pós-fascistas, contudo se orienta de forma variada, pois reúne correntes diversas, e desse modo seu norteamento histórico se diversifica consideravelmente.

Novas Direitas no Brasil e sua atuação na construção do bolsonarismo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por muito tempo, aventou-se dizer que as Novas Direitas estavam em ascensão no Brasil. Em um estudo clássico durante o processo de redemocratização do Brasil, Antônio Flávio Pierucci (1987)², apresenta a formação de novos setores direitistas na sociedade brasileira fundamentados na aversão a ideia de direitos humanos, e preconceito a grupos tidos como minoritários. Posteriormente, em 2015, Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Codas, organizaram o livro, “Direita Volver”³, os textos da coletânea giram em torno da ideia central de um possível retorno da direita ao ciclo político brasileiro. Irei me ater apenas nestas duas produções, e posso salientar, as direitas nunca estiveram de fora dos meios institucionais no Brasil. Entretanto, devemos reconhecer que seu retorno ao poder executivo se deu mediante uma sequência de eventos de certa forma inaugurados durante as Jornadas de junho de 2013, tendo seu triunfo consolidado nas eleições gerais de 2018 que alçaram Jair Messias Bolsonaro a presidência do Brasil.

Estamos assistindo a ascensão, fortalecimento e consolidação de um fenômeno sociopolítico. Os elementos que compõem essa “novidade política” recebem regularmente a incorporação de novos componentes. Curiosamente, alguns são reaproveitados de outras conjunturas políticas⁴, outros, modificados⁵ e alguns até mesmo criados⁶.

Este conjunto de práticas nocivas a democracia no Brasil, como já dito, é chamado de bolsonarismo, por alguns analistas. Todavia, entendo que toda a mística estruturada em torno de Jair Bolsonaro, não seja apenas obra de seu pensamento. Contudo, ressalto o fato de que exista uma grande importância no papel desempenhado pelo presidente, desde antes de sua vitória em 2018.

Conforme Odilon Caldeira Neto (p. 173, 2021), os grupos aglutinados em torno do que é chamado de bolsonarismo apresentam uma espécie de diversidade. As fileiras reunidas ao redor do ex-capitão do Exército brasileiro, são compostas por ideias que não

² Colocar referência.

³

⁴ Falar de anticomunismo, discurso anticorrupção, moralismo religioso...

⁵ Antipetismo

⁶ Marxismo cultural????

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

necessariamente são concordantes, porém contribuem no fortalecimento deste grupamento. Nas palavras do autor:

A despeito dos valores preconceituosos e intolerantes expressos por Jair Bolsonaro, alguns elementos de seu projeto político representam a diversidade das novas direitas no Brasil, inclusive em termos de miscelânea. As teorias da conspiração (como o “globalismo” ou o “marxismo cultural”), embebidas diretamente de um imaginário que impregnou diversos setores do pensamento de direita (e também do próprio fascismo histórico), coexistem com um projeto e discurso ultraliberal na economia, assim como o apoio a Israel e aos Estados Unidos da América (EUA), sobretudo nos projetos políticos de Benjamin Netanyahu e Donald Trump. Sob esse ponto de vista, embora o discurso e a prática de Jair Bolsonaro façam jus a algumas ideias-força da extrema direita brasileira de inspiração neofascista, em outros momentos oferece pontos de ruptura, ou ao menos diferenças substanciais, como é o caso da defesa das privatizações.

Em suma, o que está sendo chamado de bolsonarismo, é maior do que se imagina, pois não é desempenhado apenas por Bolsonaro e seus aliados e seguidores, mas também por outros indivíduos que inclusive não admitem ter sua figura atrelada ao presidente, por mais que em algum momento da conjuntura tenham feito isso⁷.

Conforme Flávio Henrique Casimiro, no livro, *A tragédia e a farsa* (2020), existe, uma, “articulação entre liberalismo econômico e conservadorismo cultural nas representações político-ideológicas, contemplando convenientemente cisões e divergências interburguesas (CASIMIRO, p. 87, 2020).

Ou seja, Bolsonaro e o grupamento organizado em torno de suas ideias, não representam uma novidade considerável na institucionalidade política, visto o fato de que a base de seu pensamento, baseado no senso comum sempre esteve aí como elucidado anteriormente, e também, pois, a direita dita “democrática”, modificou e adaptou suas práticas, buscando trazer a ordem do dia, as mudanças que acreditam geralmente ligadas a um interesse particular. Além disso, é válido lembrar que são parlamentares da direita vista atualmente como opção de derrota ao bolsonarismo⁸ os artífices do Golpe de 2016

⁷ Dar exemplos: Pazolini, Dória, Witzel, etc.

⁸ Inserir reportagem sobre isso.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sob Dilma Rousseff, e sendo assim suas intenções políticas não necessariamente correspondem ao fortalecimento da democracia.

[...] a burguesia, em meio a seus conflitos e cisões intraclasse, sempre oscilará entre os seus partidos da ordem, essa posição característica da extrema-direita pode até não ser necessariamente a concepção que a burguesia gostaria de ver concretizada; [...] Todavia, se em determinada conjuntura esse for o partido de que a burguesia precisa, ou que é obrigada a acatar, então essas posições mais extremadas, e mesmo protofascistas, são tranquilas e convenientemente acatadas em nome da garantia daquilo que é essencial para sua dominação e acumulação (CASIMIRO, p. 35, 2020).

Assim, o problema a qual nos deparamos é: o que existe hoje no Brasil, o bolsonarismo, encorpado por liberais-conservadores? O populismo em sua versão brasileira por Bolsonaro, e quadros que apoiaram a ascensão do ex-capitão, e atualmente se intitulam anti bolsonaristas? Ou uma modalidade brasileira de fascismo? Ressalto, não o clássico, mas sim um movimento “moderno”, de viés autoritário que busca aparelhar e controlar a política no país. Ou não existe nenhuma novidade, visto que as direitas se modificam, ou mesmo se adaptam as mudanças colocadas a ordem do dia em nome de um interesse particular?

De acordo com Casimiro, o último questionamento, é o que melhor representa a realidade brasileira. Todavia, a existência de situações ligadas aos outros fenômenos elencados acima, indica de que maneira o deserto a qual se tornou a institucionalidade brasileira formou-se.

Em outras palavras, elementos relacionados as perguntas anteriores criadas a partir do excerto também ocorrem no Brasil. Por exemplo, alguns quadros políticos que não se consideram, nem mesmo se intitulam bolsonaristas, desenvolvem suas ideias e práticas políticas, em conformidade as ações de Jair Messias Bolsonaro. De certa maneira, tanto os atos do presidente, quanto destes gestores públicos das mais variadas instâncias, se assemelham, todavia, diferem-se na polidez com que são empreendidos.

Desse modo, observa-se que mesmo sendo negado, estes indivíduos estão alinhados à extrema direita política, e “populista”, que atualmente controla o poder Executivo brasileiro, e assim não podem ser considerados, como pregam muitos analistas, a opção viável para a derrota do espectro político truculento e autoritário que controla a República

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

no Brasil. Visto o fato que de maneiras sutis⁹, mantém na ordem do dia, a política extremista desenvolvida por Bolsonaro em seus dois anos de governo, ou seja, sustentam a permanência do projeto de desmonte do Estado Nacional brasileiro que ocorre desde o sucesso do Golpe de 2016, sob a presidenta Dilma Rousseff.

Em outras palavras, bolsonaristas e quadros da direita considerada democrática de diferentes maneiras constroem o deserto a qual se tornou a democracia no Brasil.

Desertificação cultivada

O processo de desertificação ocorre quando o potencial produtivo da terra é destruído a partir da pressão de ações antrópicas sobre ecossistemas frágeis, marcados por uma capacidade de regeneração baixa.

A democracia brasileira encontra-se no desenvolvimento de sua desertificação, pois é marcada por crises constantes, ou seja, sua capacidade de se reabilitar é limitada, e constantemente sofre ataques a sua solidez.

Até certo tempo, Bolsonaro representava a parte que deu errado no Golpe de 2016, pois apresentava-se como um político anti-sistema, e seus perpetradores buscavam afastar o lulopetismo do poder, conquistando o Executivo, por uma manobra jurídica. Contudo,

⁹ Os principais expoentes deste grupo que se opõe ao bolsonarismo são, o deputado federal Rodrigo Maia, e o governador do estado de São Paulo, João Dória Jr. Essa direita, chamada pela mídia e analistas políticos, de tradicional, ou mesmo democrática, é enxergada como a opção para derrotar a extrema direita ligada ao bolsonarismo. Vale ressaltar que durante o pleito de 2018, os quadros citados acima apoiaram a candidatura do então parlamentar a presidência da República, no caso de João Dória inclusive associando sua figura ao do ex-capitão do Exército. Defendo a ideia de que por mais que este grupamento se apresente atualmente (auge da pandemia de COVID-19), como moderado, a favor do Estado democrático de Direito e da ciência, seu objetivo não é uma democracia limpa e sólida. Em suma, o que difere a direita tradicional e “democrática”, são as sutilezas que empreendem as ações na institucionalidade, mas assim como a extrema direita, também contribuem na destruição da democracia. Por exemplo, o aumento de 46 % em seu próprio salário, que o prefeito reeleito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB-SP), aliado de João Dória, se deu, além da extinção do passe livre para idosos, representa elementos dessa política nociva, desempenhada por agentes públicos considerados como a solução para vencer o autoritarismo por não serem radicais, e se apresentarem como defensores da democracia.

(aqui inserir link reportagem)

Podemos ir além, quando João Dória, politiza a campanha de vacinação no estado de São Paulo, mas mantém o uso de uma Necropolítica em outras áreas da gestão da cidade, está sendo tão genocida quanto Bolsonaro. (aqui inserir link reportagem)

Quando Rodrigo Maia, enquanto presidente da Câmara dos Deputados, negou todos os pedidos de impeachment a Bolsonaro, alguns muitos relacionados ao trato do presidente a pandemia, também estava sendo. (aqui inserir link reportagem)

Ou seja, a defesa da democracia também é exercida pela boa gestão da coisa pública, e medidas como as citadas acima, caminham no sentido contrário do republicanismo progressista.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

não contavam com os quatro anos de campanha do ex-capitão, que desde 2016, postulava-se como candidato ao cargo de presidente da República para o pleito de 2018¹⁰.

Bolsonaro não é um político anti-establishment, mas sim alguém que utilizou dos mecanismos da democracia em seu favor, a aparelhando, ao ponto de causar sua destruição. Em outras palavras, aqui citando Pzerkowsky (2020), a democracia destruiu a si própria.

A conjuntura de percalços econômicos sob a liderança de Michel Temer, os retrocessos ocorridos na sociedade, em diferentes áreas, e o espalhamento de informações falsas, junto a descrença dos brasileiros com os ditos políticos profissionais, fizeram o voto em Bolsonaro, ser mais que um protesto, mas sim uma demonstração de confiança numa mudança extrema. Vale lembrar que períodos de crise, fazem as sociedades optarem por saídas autoritárias.

Ao longo da história eventos como este aconteceram diversas vezes, e a maneira como esses acontecimentos finalizaram mantém marcas na história da humanidade que jamais serão apagadas. Neste ponto, o conceito de “passado que não passa”, cunhado por Henry Rousso, nos auxilia a entender o triunfo bolsonarista, assim como a realidade autoritária brasileira revivida de forma mais incisiva, após 2013.

É a partir da reinvenção de símbolos, ideias e culto a elementos obsoletos, que Bolsonaro sustenta uma narrativa que o mantém no poder, assim como o apoio de seus simpatizantes (em torno de 25% do eleitorado brasileiro), suas ações também o enquadra nas práticas desenvolvidas pela extrema direita ao redor do mundo.

Em suma, o deserto de Bolsonaro é na verdade o retorno de uma permanência na história do Brasil, de tempos que não devem ser esquecidos, tampouco revividos.

Considerações finais

As direitas são objeto de mudanças, contudo tais transformações ocorridas precisam ser analisadas, problematizadas para assim serem entendidas. No Brasil, a extrema direita

¹⁰ Nota dissertação

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

agrupada em torno do bolsonarismo, e inspirada pelos quadros da Alt Right, apresenta-se como uma fazedora de deserto.

Contudo, o deserto a qual se transformou a sociedade e política brasileira não é totalmente uma criação das direitas que se alçaram ao poder, por meios indecorosos, pode-se dizer que o triunfo da extrema direita no país não necessariamente representa um meio, mas sim um fim justificado pelo decurso da conjuntura.

Afirmo isso, no sentido de que mesmo estando sob o Estado democrático de direito, capitaneado por governos ditos progressistas, (entre 1992 e 2016), manteve-se no Brasil permanências que remetem a períodos autoritários de nossa história, como chacinas em comunidades localizadas por todo território nacional¹¹, truculência policial¹², descaso com o cidadão¹³, descumprimento dos artigos elencados na Constituição Federal de 1988¹⁴, corrupção generalizada nas mais variadas instâncias governamentais¹⁵, mandonismo político¹⁶, patrimonialismo¹⁷, e a evidência de um abismo social sem fim.

Reitero o fato de que Bolsonaro é sim autoritário, presa pelo extremismo na política, suas ações são pautadas sob essa lógica. Todavia, também pode ser considerado um político profissional, que em alguns momentos transforma-se em um agitador social populista e pós-fascista. Populista, pois... e pós-fascista por que.... EXPLICAR!!!!!!!

Desse modo, concluo que o deserto a qual se transformou a República no Brasil, foi gestado pelo Golpe de 2016, obra da direita vista atualmente como democrática, mas que na verdade é golpista, e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, junto as medidas austeras, autoritárias, anticientíficas, e apologistas a ditadura que seu governo vem desempenhando aumentam diariamente a aridez do descampado que se tornou o poder no Brasil.

11
12
13
14
15
16
17

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em suma, é necessário que a democracia volte a ser o dispositivo que fortaleça a democracia, e não a destrua, ou seja, é urgente que o deserto produzido pelos agentes da anti soberania, transforme-se em um jardim frondoso e fértil.

Referências bibliográficas